



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
CAMPUS DE LARANJEIRAS
DEPARTAMENTO DE DANÇA

GLENDACECÍLIA DE OLIVEIRA PEREIRA

**PAGODE BAIANO: DANÇA E SUAS RELAÇÕES DE
IDENTIDADE CULTURAL**

Aracaju – SE

2026

GLENDACECÍLIA DE OLIVEIRA PEREIRA

**PAGODE BAIANO: DANÇA E SUAS RELAÇÕES DE
IDENTIDADE CULTURAL**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), apresentado ao curso de Licenciatura em Dança como pré-requisito para a obtenção de título de Licenciada em Dança pela Universidade Federal de Sergipe (UFS).

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Bianca Bazzo Rodrigues

Aracaju- SE

2026

GLENDIA CECÍLIA DE OLIVEIRA PEREIRA

**PAGODE BAIANO: DANÇA E SUAS RELAÇÕES DE IDENTIDADE
CULTURAL**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Dança da Universidade Federal de Sergipe como requisito parcial à obtenção do grau de Licenciada em Dança.

Aprovada em _____.

BANCA EXAMINADORA

Prof^a.Dr^a. Bianca Bazzo Rodrigues (Orientadora)
Universidade Federal de Sergipe (UFS)

Prof^a. Dr^a. Jussara da Silva Rosa Tavares
Universidade Federal de Sergipe (UFS)

Prof^a.Dr^a. Edna Maria do Nascimento
Universidade Federal de Sergipe (UFS)

Aracaju- SE

2026

AGRADECIMENTOS

Manifesto meus agradecimentos, primeiramente, a Deus e aos meus guias espirituais, por me concederem força, coragem e discernimento para seguir conquistando tudo aquilo que um dia sonhei realizar.

Aos meus pais, Maria Cleide e José Humberto, minha eterna gratidão pela ajuda e acolhimento diante dos desafios e enfrentamentos que surgiram ao escolher e persistir em uma carreira artística. Com vocês, aprendi a seguir com dignidade, a manter o foco nos estudos e a compreender que a educação é um pilar fundamental para a construção dos meus sonhos.

Ao meu noivo, Daniel Andrade, meu alicerce antes, durante e após o curso. Quando eu ainda não reconhecia minhas próprias capacidades, foi ele quem primeiro as legitimou e acreditou em mim. Obrigada por existir e caminhar ao meu lado.

À minha dupla de faculdade e irmã de alma, Ana Alice, minha gratidão imensa por segurar minha mão sempre que precisei, por enxugar minhas lágrimas nos dias de tempestade e por chorar comigo quando, enfim, o arco-íris surgia.

Aos meus familiares, em especial minhas primas e amigas de infância, que sonham essa jornada junto comigo e vibram a cada conquista alcançada, obrigada por serem apoio, afeto e lembrança constante de quem sou e de onde venho.

Aos meus colegas de curso, meu agradecimento pelas trocas, aprendizados compartilhados e pela caminhada construída coletivamente ao longo dessa trajetória.

Aos meus mestres e professores da UFS minha sincera gratidão por compartilharem seus saberes, pela dedicação ao ensino e por contribuírem de forma fundamental para minha formação acadêmica, artística e humana. Cada ensinamento deixou marcas que levarei para além da universidade.

À minha orientadora, Prof^a Bianca Bazzo agradeço imensamente pela escuta sensível, pela paciência e pelo comprometimento durante todo o percurso de elaboração deste trabalho. Sua orientação foi determinante para que eu seguisse com segurança, responsabilidade e confiança.

Meus sinceros agradecimentos, aos membros da banca examinadora, Bianca, Jussara e Edna pela escuta atenta, pelo olhar crítico e pelas considerações que fortaleceram este trabalho e contribuíram de forma significativa para meu amadurecimento acadêmico e artístico.

Aos entrevistados Hainner, Ian, Mário e Douglas, agradeço a disponibilidade, pelas trocas generosas e por compartilharem suas vivências, saberes e experiências.

Por fim, estendo meus agradecimentos a todos e todas que fizeram parte desta caminhada e que, direta ou indiretamente, contribuíram para a concretização deste trabalho.

RESUMO

Este trabalho aborda o Pagode Baiano sob uma perspectiva da Dança. O objetivo é entender como o gênero musical cria uma identidade cultural e artístico, principalmente com a Dança. Para isso, foram realizadas entrevistas com artistas que vivem do Pagode Baiano como material de análise dos questionamentos levantados. Os resultados revelam que a lógica das coreografias e movimentações da dança do Pagode Baiano partem de uma compreensão de conectividade entre ritmo, letra, sons e principalmente das experiências e vivências de cada indivíduo. O estudo corrobora para uma maior valorização e entendimento do gênero, reforçando que a dança do Pagode Baiano se configura como identidade de um povo nas quais resiste as tentativas de apagamentos. Para além da dança e do entretenimento, trata-se de um estilo de vida, cuja ampliação e valorização tornam-se fundamentais para promover maior acolhimento às múltiplas dimensões que envolvem as manifestações populares.

Palavras-chave: Pagode Baiano. Dança. Identidade. Cultura. Movimento

ABSTRACT

This work approaches Pagode Baiano from a dance perspective. The objective is to understand how this musical genre creates a cultural and artistic identity, especially through dance. To this end, interviews were conducted with artists who make their living from Pagode Baiano as material for analyzing the questions raised. The results reveal that the logic of the choreography and movements of Pagode Baiano dance stems from an understanding of the connectivity between rhythm, lyrics, sounds, and, above all, the experiences and life stories of each individual. The study contributes to a greater appreciation and understanding of the genre, reinforcing that Pagode Baiano dance is part of the identity of a people who resist attempts to erase them. Beyond dance and entertainment, it is a lifestyle, whose expansion and appreciation are fundamental to promoting greater acceptance of the multiple dimensions involved in popular manifestations.

Keywords: Pagode Baiano. Dance. Identity. Culture. Movement

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	10
2. Origem e bases de formação: Herança do som de um lugar.....	13
3. Processos de identidade e identificação: Baianidade Nagô.....	18
4. Diálogos entre Axé e Pagode: O canto da cidade.....	23
5. Letras e suas narrativas: Swing sangue bom.....	27
6. Dança, movimento e construção: Modo Pagodão.....	32
7. CONSIDERAÇÕES FINAIS	45
8. REFERÊNCIAS.....	47

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1 – Banda Fantasmão.....	21
Imagem 2 – Carnaval de Salvador.....	24
Imagem 3 – Festa de paredão de Pagode.....	37

1. INTRODUÇÃO

A presente escrita busca apresentar a dança do Pagode Baiano como uma expressão artística de identidade singular e muito potente, imprimindo uma marca representativa para o próprio gênero musical como também nas pessoas que consomem e vivem dessa cultura.

É possível afirmar que a recepção do público em geral perante o Pagode Baiano, que se insere no contexto das danças populares, é muitas vezes inferior à valorização concedida a outras linguagens de dança. Esse quadro trouxe a reflexão sobre o peso da desvalorização cultural, dos preconceitos enraizados e das dificuldades de visibilidade enfrentadas pelos artistas que vivem profissionalmente do Pagode Baiano e daqueles que fazem dele um estilo de vida.

Frente a essas questões, o objetivo da pesquisa foi analisar como a dança do Pagode Baiano cria uma identidade própria e cultural a partir da construção dos movimentos corporais.

A abordagem principal desse projeto constitui-se de maneira qualitativa e um delineamento narrativo-descritiva, na qual considera-se uma pesquisa de campo e pesquisa-ação. Sahagoff (2015) pensa a pesquisa narrativa como uma forma de interconectar o indivíduo com o ambiente, o pesquisador precisa viver e habitar-se no contexto na qual ele se insere, a fim de um envolvimento completo para alcançar seu objetivo.

A relevância desta pesquisa está na escassez de trabalhos acadêmicos que abordem a dança do Pagode Baiano como construção de identidade cultural. Embora existam produções científicas que abordem sua contextualização histórica, canções, grupos de pagode, dança, gênero, raça e silenciamentos, em levantamentos realizados no Google Acadêmico, SciELO, Portal de Periódicos da CAPES e repositórios institucionais da UFBA e UFS não foram identificadas produções que analisem especificamente o movimento da dança do pagode como elemento formador de identidade

Considerando esse enfoque, o trabalho constituiu-se a partir de uma pergunta problema: De que modo o gênero musical Pagode Baiano cria uma relação de identidade e identificação a partir da dança?

Para isso, partiu-se para entrevistas com três professores e dançarinos profissionais do Pagode Baiano. Bem como das observações de um produtor cultural e musicista. O levantamento do material de análise foi realizado por parte de entrevistas semiestruturadas via whatsapp e materiais bibliográficos. Além dos depoimentos, foi aplicado um questionário para pessoas de distintos estados via link, que incluíam perguntas sobre o Pagode Baiano. Para a análise das entrevistas, foi realizada uma categorização das perguntas, organizadas de acordo com os eixos temáticos abordados.

As entrevistas foram realizadas com três artistas da dança e um produtor musical: **Ian Peterson**, de Salvador (BA), que atua como dançarino, coreógrafo e professor de Pagode Baiano; **Mário Vieira**, também de Salvador (BA), que atua como dançarino e professor; **Hainner Souza**, residente entre Salvador e Lauro de Freitas (BA), que atua como dançarino, professor e produtor artístico; os artistas atuam como professores de cursos livres de Pagode Baiano na Fundação Cultural do Estado da Bahia (FUNCEB) e desenvolvem atividades independentes fora da instituição na cidade de Salvador; **Douglas Silva**, residente em Boquim (SE), atua como músico e produtor musical de uma banda com foco nos gêneros Pagode, Axé e Forró.

Para uma melhor compreensão da escrita, os entrevistados foram identificados da seguinte forma: **Ian Peterson (Entrevistado 1)**, **Mário Vieira (Entrevistado 2)**, **Hainner Souza (Entrevistado 3)** e **Douglas Silva (Entrevistado 4)**, a fim de facilitar a organização e a análise dos dados apresentados. Para ter um maior destaque, as falas dos entrevistados estarão de maneira centralizadas no corpo do texto com numeração 10.

Os quatro foram escolhidos por suas vivências e experiências com o Pagode. As entrevistas foram realizadas a fim de perceber suas perspectivas sobre o contexto, alinhadas às problematizações e objetivos do trabalho. Do mesmo modo, é relevante pensar como o olhar da pesquisadora influenciou na reflexão crítica da escrita, uma vez que está diretamente inserida no tema.

O intuito foi revelar como essa cultura que, ainda sofre preconceitos e estigmatizações, possui uma potente força de criar identidades e de como as pessoas se identificam e criam pertencimentos à essa cultura popular. Apontar seu contexto, sua origem, diferenciar e sinalizar suas singularidades pode assim, resultar no respeito a esse gênero musical como da sua Dança tão ímpar à ele, bem como para as pessoas que vivem profissionalmente do Pagode Baiano.

Os referenciais teóricos se embasaram nos estudos de Clebemilton Nascimento (2012) e Ledson Chagas (2016) que trazem o contexto histórico e um olhar crítico do Pagode Baiano. Mariana Souza (2015), Maycon Lopes (2013), Fernando Rodrigues (2020) que apresentam os elementos que compõe o Pagode Baiano além do cenário midiático. E Stuart Hall (2006), Marilena Chauí (1986) e Clifford Geertz (1989) com reflexões de identidade cultural.

Torna-se igualmente significativo estudar e aprofundar essas expressões corporais, de modo que permita uma maior valorização dessas práticas culturais marginalizadas e principalmente para reconhecer a potência que emerge nesses corpos que dançam.

2. ORIGEM E BASES DE FORMAÇÃO: HERANÇA DO SOM DE UM LUGAR

O Pagode Baiano é um ritmo musical que embala uma construção coreográfica de dança, acabando por se tornar muito particular a essa expressão cultural. Dessa maneira, como se defende nessa pesquisa, há uma dança que poderíamos dizer que é a dança do Pagode Baiano, cuja construção coreográfica se constrói e se distingue de outras danças a partir da sonoridade rítmica e percussiva da música e propriamente das letras. Entende-se assim, que a dança no Pagode Baiano torna-se essencial para o desenvolver artístico desse gênero.

Pode-se dizer que o Pagode Baiano é uma expressão cultural de grupos periféricos da Bahia e que marca a identidade desses espaços sociais. Também nomeado de “Pagodão”, o Pagode Baiano é um gênero musical oriundo de outros estilos musicais, e que tem um ritmo acelerado com grande presença de instrumentos de percussão como congas, tamborim, caixa, guitarra, bumbo de dois, bacurinha etc.

Suas letras são voltadas a temas do cotidiano, enquanto suas danças carregam forte acentuação rítmica e expressiva no movimento. É importante refletir sobre a incidência da cultura do Pagode Baiano entre os jovens. Nesse contexto, refiro-me aos artistas da Dança que incorporam esse gênero musical e de dança como um estilo de vida.

O Pagode Baiano firma-se como um polo promissor no mercado musical em meados da década de 90. Especificamente em 1990 quando a banda “Gera Samba” - que em seguida passou a ser referida como “É o Tchan!” -, fez sucesso nacionalmente (Rodrigues, 2020). A banda foi considerada um estouro no Brasil a partir das suas produções como: “Segura o Tchan”, “Dança da Cordinha”, “A Nova Loira do Tchan” entre outras canções que foram se expandindo pelas grandes redes de televisão e meios de comunicação.

Nesse momento, a dança contribuiu bastante para a visibilidade midiática, visto que as coreografias representaram o ponto culminante dos shows das bailarinas e bailarinos. O impacto visual e contagiante de embalar

as pessoas a dançarem juntos ainda se reflete na sociedade até os dias atuais, mesmo após tanto tempo.

A origem do Pagode Baiano deu-se por uma grande parcela da cultura do samba do Recôncavo Baiano¹, mas que também dialoga com outras vertentes desse mesmo samba propriamente dito como: o samba chula, o samba de roda, o samba corrido e o samba junino². Como apontado por Lopes (2013), há também uma influência das mesclas de outras culturas populares dançantes como o lundu e o maxixe³ por trazerem movimentos corporais em sua dança que é vista como maliciosa, além das letras de duplo sentido. Em outras palavras, o berço do Pagode Baiano parte de um enraizamento de manifestações afro-diaspóricas e danças populares vindas das cidades do Recôncavo Baiano e, posteriormente, das periferias soteropolitanas.

Podemos observar que o samba nesse contexto era uma prática coletiva, de lazer e de divertimento nas comunidades:

No caso do samba, o divertimento foi produzido para o autoconsumo familiar e da vizinhança. De outra forma, o esforço de coordenação de uma brincadeira musical-dançante não era orientado para a satisfação de um público “anônimo”, mas para o próprio divertimento daqueles que organizavam a roda de samba (Rodrigues, 2020, p. 97).

Ou seja, o samba nasce para o encontro da comunidade como uma configuração de lazer que, posteriormente, se tornaria uma prática festiva e cultural de grande alcance, vindo a influenciar e ser a base de outros gêneros musicais, entre eles o Pagode Baiano.

Essa expressão cultural foi inicialmente praticada pelas pessoas pretas das periferias e também de menor poder econômico, justamente porque teve

¹ É uma região do estado da Bahia, localizada ao redor da Baía de Todos os Santos.

² O samba-chula é uma dança em roda, em que uma pessoa entra no centro para dançar ao som de música, canto e poesia em ritmo mais lento. O samba de roda é realizado em roda, onde participantes batem palmas, tocam instrumentos e cantam, enquanto dançarinos(as) se revezam no centro e os movimentos são marcados pelo ritmo dos instrumentos. Samba-corrido é mais rápido e contínuo, permitindo que várias pessoas entrem na roda. Já o samba junino combina o samba com ritmos regionais, como o forró, sendo voltado para festas populares, com danças, brincadeiras e quadrilhas típicas das festas juninas.

³ O lundu além de ser um gênero musical, também é uma dança que se caracteriza por movimentos sensuais e de gingado, sendo considerado um dos precursores do samba. O maxixe também é uma dança e gênero musical que se destaca por seus movimentos rápidos, sensuais e cadenciados, sendo considerado um antecessor do samba.

origem em um grupo social que não fazia parte das classes alta e média. Essa relação se traduz em como o Pagode Baiano e quem consome sua música é visto pelo restante da sociedade. Como enfatiza Souza (2015, p. 126) há “vários estereótipos e estigmas sobre aqueles que consomem essa forma artística”. E acrescenta “os consumidores desse ritmo são tratados como alienados, machistas e pobres. As mulheres são vistas como ‘piriquetes’”.

Com o grande sucesso do “É o Tchan”, outras bandas de Pagode Baiano foram se formando e ganhando grande relevância no estado da Bahia. Nascimento (2012, p. 71) pontua alguns percursos desse movimento como: o Harmonia do Samba (1993), Pagodart (1998), Parangolé (1998), Saiddy Bamba (1998), Oz Bambaz (2001), Guig Ghetto (2001), e os mais recentes, Psirico (2003), Black Style (2006) e Fantasmão (2007”).

Neste trabalho, refere-se a esses grupos como Pagode Baiano, embora dentro dessa vertente existem outras denominações, motivadas pelas características singulares de cada artista, como afirma Nascimento:

As próprias bandas preferem o novo e original que, muitas vezes, reflete o diálogo com outros gêneros musicais emergentes, entre formas híbridas que abrangem expressões locais e globais. Por exemplo, o grupo Fantasmão se autointitula groove arrastado, o Black Style, pagofunk, o Saiddy Bamba, swingueira, o Pagodart, quebradeira e o Psirico, samba swingado (Nascimento, 2012, p. 57).

Trata-se do Pagode Baiano, mas, além do Pagode em si, existem diversas variações e denominações para esse gênero. Contudo, o que suscita maior ambiguidade - tanto na mídia quanto na sociedade -, é a distinção entre o que se intitula Axé e o que se intitula Pagode. Trata-se da mesma vertente? É Pagode ou Axé? Esses são questionamentos que percorrem até hoje no núcleo musical e entre outros estados fora da Bahia.

Faz-se relevante pontuar de onde provém a denominação Axé Music. Axé é associado a elementos afros, tribais e da cultura do Candomblé, enquanto o *Music* incorpora influências do *pop* e do *world music* (Castro, 2010).

Em alguns cenários, como destaca Pereira (2010), o Axé Music não se trata de um gênero musical, mas de um estilo que abrange diversos ritmos e uma etiqueta mercadológica. Embora alguns estudiosos não considerem o Axé Music como um gênero musical, nesta pesquisa, opto por abordá-lo e adotar

como tal, refletindo a coexistência de interpretações e dualidades existente sobre o tema.

Destaco que o Pagode Baiano não se intitula como Axé, principalmente pela sua diferença na percussão rítmica a partir dos instrumentos que são usados. Um exemplo apontado por Chagas (2016) traz essa linha de raciocínio: “Elementos característicos do axé music como, por exemplo, a guitarra baiana, nunca foram utilizados no pagode” (Chagas, 2016, p. 77).

Além da finalidade cultural, contrastes no contexto social e, principalmente, pela sua visibilidade e relevância potencializada pelo Carnaval de Salvador⁴, influenciada, principalmente, pelo modo como a mídia e a sociedade demonstravam interesse e atenção pelos cantores de Axé; diferenciam esses dois ritmos musicais. Considero como representantes do Axé Music artistas como Ivete Sangalo, Daniela Mercury, Sarajane, Timbalada, Durval Lelys, Netinho, Luiz Caldas, entre outros, que ganharam forte reconhecimento no quadro musical da Bahia e uma peça importante para as gravadoras e produtoras do estado.

Visto que o Pagode Baiano é majoritariamente criado e executado por artistas jovens, negros e oriundos de periferias, a maioria das bandas surgem a partir de brincadeiras escolares, o que faz com que inicialmente não disponham de muitos recursos e nem sejam levadas a sério no contexto artístico, mesmo possuindo grande relevância cultural e identidade própria (Santos, 2021). Um exemplo a mencionar é o caso de um dos entrevistados que é músico e produtor, e iniciou sua trajetória na música a partir de uma banda criada entre ele e os amigos:

“Foi no ano 2000 quando eu ganhei um teclado de presente do meu pai e comecei a aprender algumas notas musicais. Só que me especializei em instrumento percussivo. E em 2003 comecei a tocar numa bandinha que eu e amigos criamos!” - Entrevistado 4.

E ainda afirma que seu primeiro contato foi:

“No mesmo ano de 2003 na banda que criei com amigos, nosso forte era o Pagode Baiano mesmo. Bandas que fazia sucesso naquela época e nos inspiravam. Tipo Harmonia do Samba, Guig Guetho, o Rodo, Pagodart entre outras da época!” – Entrevistado 4.

⁴ Considerado a maior festa de rua do mundo, reunindo milhões de foliões em trios elétricos, blocos e camarotes, com forte expressão cultural, musical e econômica para a Bahia.

Isto é, o gênero do Pagode Baiano é intitulado como subgênero, em virtude de alguns grupos que limitam sua visão em comparação a outros estilos musicais produzidos na Bahia. Isso acontece pela origem das bandas que são criadas por jovens humildes (Nascimento, 2010).

Hoje, o Pagode Baiano já obtém uma grande visibilidade e reconhecimento no Carnaval de Salvador, mas ainda tenta um maior reconhecimento em outros estados do Brasil.

Conforme o autor Santos:

O Brasil é um país que se constituiu por meio da escravidão, e nesse processo histórico, que produziu marginalizações e apagamentos, temos ainda nos dias atuais a invisibilização das contribuições de negros e negras para construção desse país, seja na esfera política, educacional, social ou cultural (Santos, 2021, p. 2711).

A tendência de busca por produções artísticas e investimentos é maior em projetos majoritariamente brancos. Isso não se aplica apenas no eixo Bahia, mas em todo o Brasil. Esse apagamento de outras expressões culturais evidencia a desigualdade, reforçando, mais uma vez, o motivo da forma como o Pagode Baiano é compreendido por ser originário de uma cultura negra periférica. E mesmo sendo oriundo da mesma vertente, o Axé consegue alcançar um público mais amplo, o que constitui um ponto relevante para reflexão.

Por outro lado, no questionário aplicado durante a pesquisa, observou-se um dado interessante. Para a pergunta: *“Para você, Pagode Baiano e Axé são a mesma coisa?”*, apenas 9 participantes (15,5%) responderam ‘sim’, enquanto 49 participantes (84,5%) responderam ‘não’. O resultado indica que o pensamento entre esses dois gêneros musicais já se distingue, mesmo não tendo muito alcance em determinadas cidades.

Ou seja, o Pagode Baiano, ao longo dos anos, se reconfigura e se firma como um movimento musical que tem identidade própria, a ponto de alcançar as mesmas classes que normalmente o rejeitavam (Souza, 2015). O *swing*⁵ do

⁵ Entende-se aqui, *swing* como a energia e a vibração gerada pela percussão dos instrumentos utilizados em bandas de Pagode e Axé. *Swing* do inglês = balanço.

Pagode Baiano, aos poucos, vai atingindo outras camadas da sociedade, o que é importante para ampliar o conhecimento sobre essa manifestação e entender que ela vai muito além das suas letras e danças.

3. PROCESSOS DE IDENTIDADE E IDENTIFICAÇÃO: BAIANIDADE NAGÔ

Lembro que, desde a minha infância, a cultura do Pagode já estava inserida na minha vivência diária de uma forma natural, sem ter a percepção dessa inclusão. A maneira de reproduzir e passar a cantar, escutar, dançar, assistir vídeos e, estar presente nos shows de Pagode, partiu justamente da fruição dos ambientes que estou inserida e, principalmente, da minha rede familiar.

Para Geertz, “a cultura é pública porque o significado o é” (Geertz, 1989, p. 22). Essa colocação traz uma importância na compreensão da pesquisa, sendo ela o modo como as pessoas representam seus mundos e os compreendem. O que conecta com o que vivenciei e vivencio dentro do que aqui se propõe a pensar: a cultura do Pagode Baiano.

Podemos entender que a cultura não pertence apenas a um indivíduo, mas é compartilhada, acessível e construída coletivamente, ou melhor dizendo, não é algo que só uma pessoa entende, não é uma percepção individual. É para todos e necessita da participação de um coletivo. Assim, uma música de Pagode tem ritmos e letras que todos os fãs compreendem e sentem de forma parecida. Um movimento de uma dança comunica algo que toda a comunidade reconhece e se reconhece.

Chauí (1986) define cultura como algo inerente do ser humano, construída a partir das atividades, costumes e modos de se relacionar com o ambiente. A autora aponta ainda a pluralidade e distinção entre culturas dentro de uma mesma sociedade em que elas vivem em interações, porém muitas das vezes há uma cultura dominante que busca prevalecer e moldar grande parte da população.

O Pagode Baiano ainda permanece como parte da cultura popular e representa uma forma de identidade expressada por meio das suas canções e, principalmente da dança. Em relação a identidade, Hall (2006) destaca que:

A identidade é formada na "interação" entre o eu e a sociedade. O sujeito ainda tem um núcleo ou essência interior que é o "eu real", mas este é formado e modificado num diálogo contínuo com os mundos culturais "exteriores" e as identidades que esses mundos oferecem (Hall, 2006, p.11).

O processo de identidade parte da identificação de algo em torno do seu núcleo social. Se você comumente identifica-se com alguma característica, fator, ideologia, particularidade, filosofia e comportamento, você acaba se inserindo em uma identidade cultural que passa a moldar sua forma de ser, entender e participar na sociedade. Vale destacar que a ideia de identidade é como uma junção do seu interior e do exterior, algo também variável, temporário. Para Hall (2006, p.13), "O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um "eu" coerente." E acrescenta: "A identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia."

O ser humano em convívio social já se liga a infinitas possibilidades de culturas e comportamentos, fazendo com que isso esteja em constante mudança e que seja propício e favoreça a integração em diferentes grupos, por mais contraditório que sejam os costumes entre eles.

A proliferação musical do Pagode Baiano resultou no grande alcance, procura e escuta dos novos artistas que surgiam a cada ano, desde a origem do grupo "É o Tchan" e seguindo de maneira crescente até os dias atuais. Cada artista que se destacava no mercado midiático trazia consigo e conseguia imprimir espontaneamente no público uma marca, um estilo, uma vestimenta diferente, um instrumento de percussão que embalava as pessoas a moverem, um comportamento inovador durante as apresentações e, principalmente, a ligação entre o artista e seus fãs.

O Pagode Baiano é muito potente em criar uma identidade pagodeira, poderíamos assim dizer, além de ser uma expressão artística musical, ele influencia as maneiras de ser das pessoas que assim se identificam com ele, interagindo e marcando os modos de performar no cotidiano da população

baiana. As ideias dos entrevistados sintetizam e reafirmam quais valores e modos de vida estão associados a essa identidade:

“É assumir essa identidade com orgulho. Ser pagodeiro é ter corpo político, é afirmar valores de liberdade, resistência e celebração.” – Entrevistado 1

“Ser pagodeiro vai muito além de apenas dançar pagode; para mim, representa um estilo de vida. Envolve os gírias, as roupas, a maneira de dançar e de se expressar. De forma análoga, ser pagodeiro significa se inserir e se identificar com essa vertente.” – Entrevistado 2

“Eu me reconheço e me sinto bem orgulhoso por fazer parte dessa linguagem do Pagode Baiano, mas eu também sei o quanto eu sou muito e não só isso, quando eu falo só isso, eu não falo em uma expressão a mais, e que eu sou múltiplo o pagode é múltiplo, a gente é plural, eu sou, eu venho com ele, eu caminho com o pagode, não tem como eu ser do pagode e ser fechado. Quando eu falo de Hainner e pagode, eu consigo ver minha criação, minha postura de identidade que o pagode me deu e eu conseguir construir.” – Entrevistado 3

Através de suas músicas, o Pagode Baiano mantém viva a história da população, principalmente das periferias de Salvador e outros municípios do estado, revelando também atos de resistência cultural através da Arte.

Para reafirmar a importância da identidade cultural baiana, descrevo as falas dos entrevistados sobre a vertente do Pagode Baiano e o que ela representa culturalmente:

“Costumo dizer que o pagode faz parte da minha construção de identidade enquanto pessoa no mundo” - Entrevistado 1.

“O pagode, para mim, constitui um verdadeiro estilo de vida. Ele atravessa não apenas a forma como danço, mas também como me posiciono socialmente, como me visto e como me relaciono com os espaços que frequento. É por meio dele que consigo estabelecer uma conexão genuína com o público, marcada por autenticidade e entrega. O *swing* característico da percussão, por exemplo, provoca uma reação imediata: basta ouvir de longe para que o corpo, de maneira quase involuntária, comece a balançar. Essa força musical e corporal revela o poder do pagode como expressão que mobiliza, comunica e cria pertencimento” - Entrevistado 2.

“Essa pergunta é bem difícil ao mesmo tempo fácil, mas o Pagode para mim é um estilo de vida, é um ritmo que move a economia daqui de Salvador e não só de Salvador né, do Brasil, tem muita gente que vive e canta Pagode, vive do Pagode em outros estados, aprende aqui bebe da fonte e vai tentar ganhar dinheiro em outros lugares e até mesmo fora do país. O Pagode para mim é um divisor de águas na minha vida, sempre dancei Pagode, sempre estive junto” - Entrevistado 3.

Diante as falas é possível destacar que o Pagode Baiano está inserido na cultura baiana, mas também invade outros estados. E cria identidades, pertencimentos e maneiras próprias de quem se identifica com esse contexto. Mas, afinal, de que maneira o Pagode Baiano se manifesta e como ele promove uma identificação entre as pessoas?

Tomo como referência a banda Fantasmão que surgiu no Pagode com uma nova vertente musical que ganhou fama no grupo o: “groove arrastado”⁶. A banda ficou ativa de 2006 a 2009. Mas no dia 16 de setembro de 2025, através das redes sociais, o grupo anunciou seu retorno, o que provocou grande comoção entre seus fãs e expectativa da mídia baiana.

Uma característica marcante do grupo é a pintura branca na metade do rosto e a mortalha como vestimenta, adotadas pelo vocalista e pelos integrantes como forma de chamar atenção e que posteriormente se tornaram símbolos de resistência

Imagem 1: Banda Fantasmão



Fonte: <https://www.correio24horas.com.br/minha-bahia/salvador-vibra-com-volta-do-fantasmao-show-no-parque-da-cidade-celebra-20-anos-da-banda-1025>

Fantasmão expressa músicas de protesto que fala sobre o gueto⁷, os problemas sociais, o preconceito, a desigualdade, as discriminações etc. Muito pouco utilizado o teor sexual, diferentemente do que se vê atualmente com

⁶ A principal característica é a base musical marcada pela influência rítmica do reggae, do rock, do rap e de outros estilos, além da abordagem de temas que envolvem problemáticas sociais.

⁷ Origem italiana “ghetto”, usada para referenciar grupos sociais marginalizados e isolados.

mais predominância nas letras dos grupos de Pagode Baiano. A música “Sou negão” é uma declaração de manifesto contra o preconceito e a marginalização do povo preto. Ela questiona as normas sociais e raciais, promovendo a reflexão, conforme vemos abaixo:

Eu sou da favela, eu vim do gueto
/Batendo na panela
Derrubando preconceito.
Pra você que pensa que negro correndo é ladrão
Tem branco de gravata roubando de montão.

Eu vim de lá, de lá eu vim
Não foi tão fácil chegar aqui.
Esse microfone é meu armamento
Sou fantasmão estou pronto pro arrebento.

As canções são usadas como estratégias de identificação, visto que o que é relatado nas letras são os atos recorrentes de preconceitos, na qual a sociedade associa raça ao comportamento (Lopes, 2013). Essa situação implica na interrelação das bandas de Pagode com seus admiradores que compartilham um mesmo pensamento e, conseqüentemente, criam uma identidade de classe e raça.

Em consonância com essa linha de pensamento, a música “Conceito” e “Gaiola”, também da banda fantasmão, seguem essa mesma percepção de expressar as particularidades da vivência na favela.

Os trechos abaixo reafirmam esse cenário:

Com um conceito renovado andaré nossa nação / Sou filho de preto, quero respeito,
quem mora no gueto não é ladrão.

Viver em liberdade é como um pássaro livre sem gaiola/ Pra que andar errado, pra
que andar assustado /Pra que se a solução tá em você/ Escute o que eu te digo é
palavra de irmão/ Quem vacila na quebrada /Vai cair no gaiolão

Para Lopes, “esse sentido de comunidade criado pelo grupo atravessa tanto a localização geográfica (o gueto), que toca, de certo modo, na questão da classe, como também à negritude (Lopes, 2013, p.70).

Bandas como Fantasmão dão voz às pessoas que se identificam com o que é narrado musicalmente, levando-as a adotar as mesmas roupas, seguir

os mesmos princípios e valores, consolidando assim uma identidade cultural compartilhada. O Pagode, dessa forma, estabelece uma relação de identidade e identificação não apenas através da música, mas também por meio da dança, que reforça os vínculos coletivos e que será apresentada posteriormente.

Também é fundamental analisar os fatores que contribuíram para isso e compreender por que essa influência se consolidou.

Dessa maneira, durante as entrevistas, propus a seguinte pergunta para tentar identificar e ressaltar essa questão:

Houve alguma influência específica da sua trajetória pessoal, do espaço em que você cresceu, para a forma como você dança e interpreta o Pagode? Ou essas referências vieram por outros meios, como *internet*, mídia e espetáculos?

“Sim. Crescer em Salvador, com o pagode presente em cada esquina, foi determinante. Mas também me alimentei de *internet*, vídeos e espetáculos, o que ampliou minhas referências” - Entrevistado 1.

“Minha trajetória pessoal foi marcada pela curiosidade em explorar diferentes ambientes socioculturais, o que possibilitou uma vivência plural em relação às expressões artísticas. Dessa forma, o gestual, as formas de dançar e de me expressar resultam diretamente dessa diversidade de experiências. Além disso, essa construção identitária também se expande para o meio virtual, no qual as danças que se popularizam e viralizam nas redes sociais passam a integrar e agregar elementos à minha própria prática, reforçando a relação entre vivência comunitária e cultura digital...” - Entrevistado 2.

“A influência que aconteceu na minha vida pessoal diretamente com o pagode eu era muito pequeno, sou do tempo do toca fita, a lembrança que eu tenho é no quarto com a minha mãe escutando “é o tchan”, mas na rua quando eu ia para uma praça, e todo domingo era lá que eu dançava... Foi um momento muito forte na minha vida, eu tão novo, mas hoje eu com 30 anos consigo enxergar isso, como ele estava tão relevante na minha vida, é a raiz, já estava aquela sementinha e eu não sabia o momento, eu só vivia, e a *internet* não teve influência, eu era muito novo. Então assim, sempre tive essa relação, e aí eu falei preciso agregar, preciso dar força a esse ritmo, porque assim, eu preciso dele, mas ele também precisa de mim, porque não tinha ninguém que desce aula regular, então o Pagode mudou minha vida, foi um divisor de águas.” - Entrevistado 3.

4. DIÁLOGOS ENTRE AXÉ E PAGODE: O CANTO DA CIDADE

O termo Axé ou Axé Music foi uma denominação atribuída por setores do mercado fonográfico e pela mídia de fora da Bahia que acabou influenciando por uma generalização entre os estilos musicais tocados na Bahia. Ou seja, as produções do estado que seguiam essa linha foram rotuladas como Axé,

homogeneizando todas as expressões artísticas a uma só, e apagando de certa forma a singularidade e identidade de cada expressão musical baiana (Nascimento, 2012).

Os blocos de trio elétrico são um marco na história carnavalesca de Salvador. Na primeira metade da década de 70, surgem os primeiros blocos de Carnaval (Castro, 2010), patrocinados por jovens empresários e por representantes do mercado musical. Artistas como Dodô e Osmar e Luiz Caldas foram grandes precursores dos blocos de rua e dessa nova configuração do palco móvel: o trio elétrico. O Carnaval é uma grande vitrine para os artistas não só da Bahia ou do segmento Axé e Pagode Baiano, mas também cantores que vem de outros eixos do Brasil para fazer seu percurso na avenida. Hoje “fazem do Carnaval de Salvador não somente uma festa popular, mas também um espetáculo cultural” (Vieira, 2014, p.52).

Imagem 2: Carnaval de Salvador



Fonte: <https://elcabong.com.br/guia-do-carnaval-2024-em-salvador-o-que-nao-perder-na-programacao/>

O entrevistado 3 faz um comentário relevante sobre as premiações recebidas pelo Pagode, que normalmente ocorrem durante os próprios festejos do Carnaval na Bahia. Porém, fora do estado, essas premiações não possuem a mesma relevância ou normalmente não há indicações:

“O pagode tem uma dificuldade de estar alcançando premiações né, normalmente a premiação que rola muito é no carnaval, sobre a música do carnaval acontece muito de o pagode estar ganhando...”

Em festivais sempre tem aqui em Salvador, na Bahia toda eu acredito que sempre está, no São João, festival de Natal, Ano Novo, em tudo né. Isso é muito bom e rico, mas ainda tem uma dificuldade, não é sempre mas tem, porque o Pagode normalmente não ganha um cachê que uma banda de Axé, Reggae, MPB está ganhando. Claro que depende do artista, mas a maioria ainda não está nesse nível tão estável como os outros gêneros musicais.” –

Entrevistado 3

O Axé e o Pagode Baiano sempre carregaram em suas raízes a cultura afro, e é justamente essa tradição afrodescendente que, por muito tempo, se mantém viva nos blocos carnavalescos como o Olodum, Araketu e Ilê Aiyê. Blocos esses que hoje possibilitam que a identidade negra e popular da Bahia ganhe visibilidade nacional e internacional, o que também possibilitou a abertura de oportunidades para cantores de Pagode, majoritariamente negros.

Coaduno com Chagas (2015) ao apontar que a diferença de classe social e raça se refletia no Carnaval nos anos anteriores quando os abadás de bandas de Axé eram vendidos por um preço mais alto, enquanto as bandas de Pagode Baiano saíam por um preço inferior. O que aponto contraditório, visto que o Carnaval é uma festa de rua, é festa do povo, mas que hoje segue uma linha midiática e elitizada.

Um reflexo desse contexto é a mídia que influencia na visibilidade e valorização para uma manifestação cultural em específico e isso também determina quais delas serão usadas como modelo e transformada em mercadoria (Vieira, 2014).

Basta relacionar como o Axé Music é atribuído ao setor televisivo e como o Pagode Baiano também e visto nesse mesmo cenário. É fácil compreender que o Pagode não está presente nesses locais, na sua grande maioria, em razão das suas letras e performances coreográficas. Considero essa nota, uma vez que o Pagode e o Axé compartilham das mesmas raízes, do mesmo palco que é o Carnaval de Salvador, uma mesma atenção recíproca ao público baiano e grandiosidade popular.

O entrevistado 1 aponta sobre essa visibilidade da seguinte forma:

“Ainda é pouca. Nos festivais e premiações, o pagode baiano raramente tem espaço, o que mostra um apagamento cultural.” – Entrevistado 1.

Em contrapartida, o entrevistado 4 observa que, atualmente, na escolha do repertório para os shows, em comparação com o Axé Music, o Pagode tem maior aceitação por parte do público:

“Hoje em dia o pagode é bem mais aceito com certeza, o Axé deu uma queda drástica no cenário musical brasileiro. A gente trabalha o Axé por ser nossa especialidade há anos, mas o pagode agrega muito mais do que o Axé hoje em dia!” – Entrevistado 4.

Com isso, compreendo hoje a comoção e a expansão desse gênero comparado aos anos anteriores. E que a sua dança se adequa e se configura em canais de mídia. Os artistas com renome e que não fazem o uso de letras consideradas explícitas, já participam com frequência em programas de TV. E nas redes sociais como TikTok e Instagram já circulam bastante suas danças. Todavia, ainda existe uma parcela do Pagode Baiano que não se insere nesses espaços, e para a qual não é possível alterar letras ou coreografias, pois essas características são constitutivas do seu estilo de compor músicas com temas polêmicos e com forte carga impactante.

Suas danças e letras podem despertar desconforto, ou prazer no espectador. Dificilmente essa estética mais apelativa ao sensual irá estar em um programa televisivo, e acredito ser difícil a banda modificar suas raízes para se inserir nesse contexto. É possível identificar no relato do Entrevistado 2 como o olhar midiático atinge o Pagode:

“Nos últimos dois anos, o Pagode Baiano vem ganhando maior proporção e reconhecimento, tanto pelo surgimento de novos dançarinos quanto pela volta de antigos cantores à mídia.

Esse movimento demonstra a vitalidade e a renovação do gênero, que continua a se reinventar e a dialogar com diferentes públicos. No entanto, observa-se que os espaços de visibilidade, especialmente em festivais, ainda permanecem restritos. Geralmente, apenas um ou dois representantes conseguem acesso, e mesmo quando alcançam esses palcos, a presença do Pagode ainda não recebe a mesma valorização destinada a outros estilos musicais e coreográficos” – Entrevistado 2.

No geral, a visibilidade da identidade do pagodeiro ainda é marcada por dualidade. De um lado está o Pagode Baiano visto como um forte representante musical da cultura Baiana. Por outro lado, está o Pagode Baiano que há muito preconceito pelas suas danças e há limitações de visibilidade na mídia. Assim como exemplifica o entrevistado 3:

“Basicamente nossa comunidade ela está muito subdividida, tudo tem seu lado bom e negativo. Mas quando fala sobre Pagode há uma divisão enorme por conta de outros tipos de Pagode. As pessoas sempre tiveram a visão do Pagode além de ser uma dança preta e quando se fala de um corpo preto né as pessoas infelizmente preconceituosas, racistas têm uma visão diferente que é a palavra vulgar, se amostrar. Antigamente quando via alguém dançando Pagode de short jeans, normalmente o jeans estava muito junto, próximo, evidente no pagode, na musicalidade. Mas como eu falo, tem duas divisões, o Pagode Baiano que fala sobre alegria, ele fala sobre romance também, fala várias coisas voltadas à Salvador, mas tem o Pagode hoje que está tendo essa facilidade de falar sobre a parte sexual, a parte midiática. Eu consigo enxergar que tem músicas com um toque mais vulgar, mas são poucas pessoas que conseguem entender que o Pagode é super necessário e ele elevou a Bahia em um nível...” – Entrevistado 3

Para o Entrevistado 4:

“Ainda acho que o Pagode Baiano precisa ser mais reconhecido no Brasil. A arte é linda, a música é animada, contagiante e dançante. Precisa ser mais valorizada no país com certeza!”
– Entrevistado 4.

Ainda há muitas barreiras a serem superadas, porém o Pagode Baiano já se afirma como um gênero singular, marcado por características próprias. A questão central que se coloca é: por que ainda se discute a necessidade de que ele seja respeitado? É preciso fazê-lo ser algo diferente do que já é? O Pagode Baiano é o que é — legítimo, potente e representativo.

5. LETRAS E SUAS NARRATIVAS: SWING SANGUE BOM

Traficante de desejo, ela quer sentir meu beijo
Fica toda molhadinha quando escuta minha farra
Ai, Kannalha, eu perco tudo
Com essa cara de vagabundo

Tô botando tudo, tô botando tudo (ai)
Tô botando tudo com cara de vagabundo⁸

Essa é a estética de música a qual a grande maioria das pessoas pensam que é o Pagode Baiano. O que não é uma visão totalmente equivocada, pois as grandes produções musicais feitas atualmente se

⁸ Música do artista O kanalha, Danrlei Orrico, é um cantor e compositor baiano de pagode da vertente pagofunk.

concentram nesse estilo explícito. Mas é importante ponderar de que não é unicamente dessa maneira que o Pagode se expressa.

É necessário salientar que essa pesquisa não objetiva discutir qual música é certa ou errada, mas apresentá-las, a fim de tornar compreensível como a dança se apresenta em cada estilo.

Há, na música que ora denominamos “Pagode Baiano”, pelo menos duas dimensões que suscitam análises enquanto um produto cultural contemporâneo: de um lado, o ritmo, que diz respeito aos aspectos musicológicos, ou seja, à sua gramática interna enquanto código específico; e de outro lado, a letra, ou seja, o texto, sua materialidade linguística, que produz objetos de discursos. Essa música se realiza nessa intersecção, entre o discurso verbal e o musical, gerando um produto próprio cujos discursos vêm sendo gestados no processo histórico das últimas décadas (Nascimento, 2012, p. 92).

O que chama mais atenção nesse gênero são seus elementos percussivos, muito diferente do que vemos nos outros estados do Brasil, carregando uma característica muito particular através dos instrumentos. E outra abordagem são as letras que ganham destaque pela maneira como exploram a sensualidade a partir da vulgaridade, temas com duplo sentido e a imagem erotizada da mulher. Esses atributos se unificam e ganham identidade, como o autor se refere a “produto próprio”, representando assim a marca do Pagode Baiano, ritmo e letra, além da dança.

Essa característica se mantém entre a maioria das bandas de Pagode, das mais antigas até as atuais, imprimindo essa efervescência do dia a dia do soteropolitano. Dessa forma, apresento as falas dos entrevistados acerca de suas percepções sobre as letras das músicas de Pagode:

“As letras refletem vivências, desejos e contextos de onde o Pagode nasce. Algumas são festivas, outras sensuais, e muitas carregam narrativas sociais. Não dá para resumir tudo em um único olhar.” – Entrevistado 1

“Acredito que há espaço e público para todo esse conteúdo que está sendo produzido.” – Entrevistado 2

“Sobre as letras tem uma divisão muito nítida do antigo para o atual. Existe atuais que fala sobre amor, sobre toque e tem aqueles realmente que fala sobre a parte genital, sobre o corpo feminino sempre em destaque. Muitas vezes, fala sobre o corpo de uma novinha, basicamente eu não tenho tanto apreço e respeito, falo sempre sobre nas minhas aulas de

Pagode sobre as bandas que trazem essa leitura, essa linguagem sobre o sexualismo, eles acabam ensinado o que fazer em 4 paredes, e outros e outros modos, eu acho que não tinha tanta precisão e essas bandas com essas letras estão tomando muito destaque em Salvador.

Eu apoio muito que as pessoas vão conhecer outras bandas, principalmente as antigas e tentem ver o quanto era grandioso. Como Parangolé, Psirico, Leva Nois, Cortesia, Gera Samba, tanta banda surreal, Fantasmão, Igor Kannário mesmo sabe, tenho como referência. Eu acho que a gente poderia curtir um bom Pagode sem precisar falar de um corpo feminino, em exposição, de um corpo de um homossexual, no geral. Eu basicamente na minha aula trago como referências as bandas que eu acredito que ali está o Pagode, não que as outras não esteja, mas o Pagode que eu conheço e o que leva a mensagem que leva humor também.” – Entrevistado 3

“Na minha época quando iniciei com o Pagode Baiano, as músicas de duplo sentido não eram tão pesadas como as atuais, não sou muito a favor das letras dos Pagodes de hoje em dia, mas como músico sou obrigado a tocar todas elas, mas sempre tentando mudar algumas palavras pesadas que usam nos Pagodes de hoje! Muita gente discrimina o Pagode atual justamente pelas letras pesadas, ofensivas. Não só o Pagode como outros gêneros da atualidade. Não se faz mais Pagodes como antigamente, por isso a sociedade já enxerga com olhares maldosos com o gênero!” – Entrevistado 4

É perceptível que a colocação das letras comparado ao que se era antigamente são variadas. Nos anos 80 e 90 as canções eram mais caracterizadas por trazerem um teor de duplo sentido, “nas letras de pagode, o duplo sentido é um recurso utilizado para veicular um conteúdo acerca da sexualidade” (Nascimento, 2012, p. 111). Essa característica nasce das músicas do samba de roda que carregavam esse traço erótico-dançante, servindo a imagem da mulher como temática para as composições (Nascimento, 2012).

Hoje, ainda permanece esse traço, porém de uma maneira que o sentido da palavra seja literal. É nesse contexto que se cria a abertura para que o Pagode seja interpretado como “baixaria”. Contudo é importante destacar que essa característica já estava presente antes. Essa vertente de música de Pagode Baiano mais provocante resulta no estereótipo de que os cantores e ouvintes são “marginais”, indivíduos que usam e praticam coisas ilícitas, são vulgares, uma distorção da realidade da identidade do pagodeiro (Passos, 2022).

Trago como exemplo a banda Fantasmão e outras bandas de Pagode que preferem não seguir com esse estilo e fazem adaptações que englobem traços da contemporaneidade, mas não perdendo a sua originalidade, principalmente na estrutura rítmica. Dessa forma:

O pagode tem muitas letras magníficas, e que não podemos restringir o pagode à letra. E mesmo se tratarmos, é pertinente conceber as letras como reflexo do contexto que as pessoas se relacionam com ela vivencia, sendo espaços de muitas violências como o machismo, a homofobia e elas acabam por reproduzir (Santos, 2021, p. 2721).

Do mesmo modo que é importante compreender os espaços em que os cantores de Pagode vieram e criam suas músicas, também observar sua dança, pois ela consolida a representatividade do Pagode Baiano. Tal como expõe Nascimento (2012, p.98), “Não existe música de Pagode sem letra, assim como não existe Pagode sem dança, sem um corpo que se movimenta ao sabor de um ritmo que envolve, contagia e desperta desejos”.

O *swing* do Pagode Baiano é o que na maioria das vezes dá a base para uma coreografia. O Pagode é feito para sentir, absorver as batidas e se movimentar conforme elas; é assim que letra e ritmo se fundem, tornando-se uma só. Com essa percepção, formulei a seguinte pergunta nas entrevistas:

O ritmo da percussão e o *swing* característico do Pagode influenciam diretamente na criação dos movimentos? De que forma?

“Totalmente. Isso te dá ideias de quais movimentações, uma batedeira, um Groove, uma quebradeira...” - Entrevistado 1

“O *swing* característico do Pagode Baiano diferencia-se de outros ritmos justamente por induzir um movimento espontâneo do corpo, que se deixa conduzir pela cadência musical. Instrumentos como a bacurinha, o reco-reco e o cavaquinho não apenas marcam a sonoridade do gênero, mas também imprimem um ritmo acelerado e pulsante que influencia diretamente a construção coreográfica. Assim, a musicalidade do Pagode não funciona apenas como pano de fundo, mas como elemento estruturante da dança, pois já carrega em si uma narrativa, uma história e uma energia que direcionam os corpos em cena” – Entrevistado 2.

“O *swing* da percussão é o Pagode. Ele tem uma responsabilidade enorme na hora da construção. Antigamente era muito o samba, ter esse instrumental de samba e aí com o tempo foi mudando e hoje a gente tem o pagotrap né que é uma das coisas mais atuais, e depois ainda do pagofunk. Então, é necessário, porque daí a gente vai ver os beats, as convenções dos instrumentais, tem instrumentais específicos que pode botar uma movimentação específica” – Entrevistado 3.

Logo, toda essa junção assemelha-se a um quebra-cabeça entre juntar a letra, o ritmo e o movimento. Dança essa que pode seguir o sentido literal da letra, trazer nos movimentos o que a palavra significa ou apenas construir uma de performance livre.

Mas então deixa o corpo solto / Balança, balança pro lado e pro outro/Não pode parar (bailar) / Pode remexer (quero ver) / Bote pra quebrar (swingar) / Esse som vai te levar.

A gente traz swing pro povo / O balanço que a favela gosta / O groove que toma seu corpo / Que representa a voz do maloka
Swing.

Esses são exemplos de canções do Pagode Baiano interpretadas por Harmonia do Samba e Igor Kannário que raramente trazem em suas letras o erotismo ou a objetificação do corpo feminino. São músicas que evidenciam, sobretudo, a relação enérgica entre ritmo, letra e dança, em que o swing é fortemente destacado e colocado em evidência. Nesse sentido, a dança não se manifesta de forma centralizada conforme a letra sugere, mas sim de maneira livre e espontânea em seus movimentos.

Canções da Banda Psirico:

E na volta do trabalho a gente pode assistir / Em minutos fracionados a nossa casa sumir / Tantos anos de batalha, junto com o barro descendo/E ali quase morrer é continuar vivendo / Êee chué chué, ê chué chué / Temporal que leva tudo, mas minha fé não vai levar.

Pele bronzeada, mulher brasileira, a coisa mais linda / Chamada de avião, corpo de violão, a maior obra prima / Em todos os cantos do universo, se vê várias delas brilhar / É um pecado que um homem sempre quer desfrutar / É uma obra divina que nasceu para o nosso bem.

É importante destacar que, da mesma maneira que existem músicas que inferiorizam a mulher e tratam as questões da favela com naturalidade, há também bandas e cantores que apresentam letras que celebram a força feminina e a potência cultural da periferia, sem recorrer a termos pejorativos ou

sexuais. Como, por exemplo, essa canção apresentada acima da banda Psirico, tendo como vocalista o cantor Márcio Victor.

6. DANÇA, MOVIMENTO E CONSTRUÇÃO: MODO PAGODÃO

Dançar é aceitar que o corpo
sempre soube antes da mente; é confiar
que existe sabedoria nos músculos, memória
nos ossos e poesia em cada respiração – Martha Graham

O corpo pode expressar infinitas sensações, instigar o pensamento e provocar reflexões. “Movimentar-se significa também se relacionar intencionalmente com o mundo, o diálogo entre o ser e o mundo, no qual a ação questiona o mundo, o próprio sujeito e as coisas” (Lima, 2006, p.6).

Qualquer movimento necessita de técnica para ser realizado, porém é comum entender que técnica na dança trata-se apenas do domínio de um determinado estilo de dança, dotado de formas prontas e específicas de movimento (Lima, 2006, p.6).

Na dança, a técnica é vista como um recurso para a aprendizagem muito importante, alguns profissionais especificam a técnica que será abordada, as nomenclaturas e as maneiras exatamente corretas de produzir. Como por exemplo, o Balé Clássico, o JazzDance, a Dança Moderna e dentre outras linguagens que são extremamente codificadas. Outras, como as danças populares que são mais brincantes, não especificam suas técnicas e códigos, mas a motriz dos movimentos estão presentes ali. Assim como a improvisação que mesmo sendo uma dança de livre expressão, existe acordos prévios. Ou seja, com o Pagode esse aspecto também não é diferente.

Para compreender como surge essa dinâmica de movimento, se há um conhecimento involuntário entre as pessoas que seguem o Pagode ou se existe estudo por trás, propus a seguinte pergunta:

Na sua opinião, pessoas que cresceram em ambientes que cultuam o Pagode Baiano já carregam, de certa forma, o movimento no corpo, de maneira natural e espontânea?

Os entrevistados 1 e 3 entram em concordância nas suas respostas, enquanto o entrevistado 2 apresenta uma perspectiva diferente. Isso demonstra os impasses existentes em torno da dança popular e urbana acerca do estudo da técnica.

“Nem sempre, como toda e qualquer outra técnica é necessário estudar para desenvolver.” – Entrevistado 1

“Com certeza. O movimento é cultural!” – Entrevistado 2

“Não é específico, eu vejo pessoas falando aí eu vim da favela, e você sabe as bases do pagode baiano? Não sabe. Você sabe as movimentações sociais que acontecem nesse tal distrito, nessa tal rua, beco e viela. Mas não é porque eu nasci em tal local ou cresço escutando que eu entenda a musicalidade, essa dança. Eu fico agoniado quando falam, ah, eu nasci escutando o pagode baiano. Às vezes a pessoa não sabe falar o que é, não sabe defender o que o pagode baiano.” – Entrevistado 3

Ressaltando o impasse sob a existência da técnica e a memória corporal do indivíduo, as colocações dos entrevistados evidenciaram como se dá o processo de criação de uma coreografia de Pagode Baiano e quais elementos guiam essa construção:

“É necessário entender as nuances, letras e batidas da música para saber qual seguimento você vai dar aquela canção. Dentro do pagode baiano temos algumas vertentes como o pagofunk, arrochadeira...” - Entrevistado 1.

“Para mim, a relação com a dança no pagode baiano está profundamente ligada à batida, ao swing, à musicalidade e à letra. A batida funciona como pulsação que conduz o corpo de maneira quase automática; o swing dá fluidez e identidade ao movimento; a musicalidade, marcada pelos instrumentos característicos do gênero, cria uma atmosfera que direciona a coreografia; e a letra, por sua vez, acrescenta narrativas e sentidos que se traduzem no gesto” - Entrevistado 2.

“Tudo começa eu acho né, pela musicalidade e o que você quer passar, se eu vou dar uma aula de Pagode Baiano que fala sobre Guetto, um cara que está devendo que vai tomar um pega, eu vou trazer esses elementos, como um homem que está com medo ele reage?

Quando eu falo diretamente de um homem, felizmente e infelizmente o pagode ele tá relacionado a esse corpo masculino né, principalmente hetero normativo, então antigamente as músicas de pagode tinham essa relevância e esse contexto de falar sobre o traíra, o amigo que pegou a mulher do amigo, sobre o menino que era língua solta..., mas a construção ela vai dar base ao que você quer passar para os alunos ou do que você quer passar no Instagram, na sala de aula, isso vai interferir muito o porquê e pra quem você vai está dando essa coreografia, mostrando ou dançando, então precisa ter as bases do pagode, às vezes eu só vou fazer uma coreografia que vai puxar mais o groove arrastado e não vou botar tanto a quebradeira, não vou botar o swing baiano, não vou botar outros elementos que se inserem no pagode no geral, e daí eu posso mesclar também com várias danças afro diaspóricas que agregam a essa linguagem e aí começa a construção, você vai ver o que a música está falando, antigamente era bem assim do que a música está falando do que está se referindo e a partir desse momento você vai contando essa história. Você pode contar como algo literal, como a música está tocando, até os beats as convenções da música ou você também pode quebrar e trazer em outro contexto” - Entrevistado 3.

Conforme as respostas dos coreógrafos, é possível perceber que o processo coreográfico na dança do Pagode é guiado pela relação sólida que se estabelece com a batida da música. O que chamamos frequentemente de “sentir o *swing*” quando essa correlação ocorre, a coreografia tende a ser muito energética, pois o bailarino mobiliza seu repertório corporal, já marcado por uma forte aproximação e pulsação em relação às músicas do Pagode. Isto é, suas raízes, realizando movimentos mais espontâneos. Como também há alternativas de coreografias que seguem de forma literal o que a letra quer dizer. Como, por exemplo, uma música que indique “bota a mão no chão e empina o bumbum” e o dançarino reproduzir exatamente essa movimentação.

Para confirmar esse levantamento o entrevistado 3 pontua:

“Tem uma influência enorme. O pagode já vem com essa identidade de acompanhar a música, mas eu e lan muitas vezes na aula quebra a música e traz outros elementos que fogem né do normal, entre aspas. A gente também entende que quando a gente monta, que tem instrumentais no pagode que tem uma identidade forte, que quando você vê que tem um instrumental muito rápido você vê que ali você tem que fazer uma bateadeira” – Entrevistado 3.

Entro em consonância com a ideia de que a identidade de um pagodeiro é construída em simultâneo com a realidade a sua volta e o que te faz pertencente. O Pagode cria a partir do movimento dançado, uma base consistente de pessoas que emanam no mesmo estado de espírito. A identidade é construída justamente a partir da ligação e do pertencimento ao seu entorno e, nessa realidade, nas periferias e bairros de Salvador, está o

Pagodão, cuja dança muitas vezes é mais potente e chama mais atenção do que as próprias canções, tornando-se, assim, uma identidade própria.

Nesse sentido, invoco uma pergunta de Clebemilton Nascimento: “o pagode fala mais através do seu ritmo que provoca o corpo ou através do seu discurso verbal que é cantado?” (Nascimento, 2012, p. 44).

É significativo pensar nesse contexto o entendimento da dança do Pagode Baiano em uma visão geral relacionada aos movimentos e não a comparação em shows *business*, festas privativas, festas de paredões, comemorações, programa de TV, entretanto considerando suas diferenças.

Mediante esse aspecto, cabe apresentar se existe movimentações no Pagode que se firmam como algo único e singular quanto a esse gênero. Algo que diferencie essa dança das demais manifestações. Com isso, o pensamento dos entrevistados 1 e 3 revela que:

“Sim, o Groove, a quebradeira, uso do plexo.” – Entrevistado 1

“O groove arrastado é muito do Pagode, eu acho que não vejo danças reproduzindo essas bases, o groove arrastado ele é muito, muito, muito único, a bateadeira também é única.” – Entrevistado 3

Considero pertinente indicar quais partes do corpo que o movimento do Pagode mais ativa e valoriza, tendo em vista as suas raízes e composições corpóreas das danças que são oriundas das bases africanas, como por exemplo: a dança dos orixás, afoxé, capoeira... Equivalente a isso as movimentações são mais precisas, marcadas, se observar são fortes e potentes, como descrevem:

“Quadril, pernas, joelhos e tronco. Mas, no geral, é uma dança que envolve o corpo inteiro, porque exige coordenação e resistência” – Entrevistado 1.

“O movimento do peitoral constitui-se como um dos principais pontos de concentração de energia e vibração, funcionando como um centro irradiador que se expande para todo o corpo. Essa ênfase possibilita não apenas a intensificação da expressividade corporal, mas

também a transmissão de sensações e ritmos que dialogam diretamente com a proposta performática adotada” - Entrevistado 2.

“Isso aí eu teria que falar o corpo todo, porque dependendo da base, se for um pagode evolução você vai usar muito o pescoço muita cervical, muita cabeça, muito cabelo, muita lombar, a gente sempre está descendo com a cabeça até o pé. No pagode quebradeira a gente trabalha muito o metatarso, a gente fica muito na meia ponta, a gente trabalha muito o bíceps quando está fazendo o groove arrastado, então é uma série de coisas, depende muito do que você vai fazer. Se você vai dançar um pagode evolução você vai dar um granbattmant, no meu tempo tinha muitas meninas flexíveis que botava a cabeça no meio da perna, entendeu, uma grande força, um cambre muito flexível, usando muito a lombar, a virilha, tudo, depende do que você vai estar dando” - Entrevistado 3.

Observa-se na fala do entrevistado 3, a relação de como as linguagens se conversam, a partir do momento que ele usa nomenclatura dos passos de balé “granbattmant” e “cambrê” para se referir a uma variação da dança do Pagode. Essa interação com outras danças torna-se relevante no sentido de enriquecer uma coreografia a depender do contexto em que será apresentada. Porém, ainda assim mantendo as fundamentações e os movimentos bases do Pagode.

Ao compreender um movimento de dança, é essencial observar a organização do corpo que o sustenta e como essa ação corporal se manifesta. Pensar nos aspectos anatômicos, na consciência corporal e na forma como cada parte se articula, permite entender que esses gestos carregam significados e características próprias.

A seguir, apresento três passos do Pagode Baiano que reconheço como identitários desse gênero e que, pela sua recorrência e força expressiva, contribuem para compreender a construção estética e cultural dessa manifestação corporal.

O movimento da *quebradeira*⁹ carrega fortes raízes das músicas mais antigas do Pagode Baiano, mantendo em sua estrutura corporal uma predominância marcante do samba de roda. Há uma acentuação e circulação do quadril, e o que possibilita essa ação é o deslocamento dos pés. Esse

⁹ Dois links de vídeo como exemplo da quebradeira:
https://youtu.be/r--b_n8-vZ8?si=w755M-3gsX-jtlo6
https://youtu.be/ldGhfz9XjHM?si=HQ2Qp0E3vjNY_XAY

deslocamento pode ocorrer tanto com os pés em meia-ponta quanto seguindo a lógica do samba de roda, com a pisada neutra, totalmente apoiada no chão. Os membros superiores ficam livres e podem ser posicionadas em aberto, com a mão na cintura, na cabeça etc.

A *batedeira*¹⁰ costuma-se estar nas músicas mais atuais do Pagodão, e se caracteriza-se por uma vibração rápida do quadril, com a pelve sendo impulsionada para frente e para trás de maneira contínua, sempre em um ritmo acelerado e muito marcado. Os pés, apoiados na meia-ponta ou as vezes todo no chão, oferecem sustentação e equilíbrio para a execução. É importante destacar que essa movimentação ocorre predominantemente no plano baixo, em posição “acocada”, embora também possa aparecer no plano médio, dependendo da sustentação e da flexão dos joelhos.

Essa movimentação aparece com frequência nas festas de paredão de Pagode e acaba se tornando uma marca identitária das pessoas que frequentam esses espaços e compartilham dessa manifestação cultural.

Imagem 3: Festa de Paredão de Pagode



Fonte: <https://leiamaisba.com.br/especiais/pagode-feminino/noparedao.htm>

Uma ação corporal muito identitária do Pagode Baiano é o balanço do braço, direcionados para frente e realizando uma flexão, em articulação com o ombro,

¹⁰ Um link de vídeo como exemplo da *batedeira*:
https://youtu.be/9_lermmLkcc?si=VzWIGvd7n1aKPnKB

pescoço e com as mãos fechadas ou semiabertas, é acompanhado da pulsação peitoral, ativando especialmente o plexo cervical e o plexo braquial.¹¹ E, os membros inferiores acompanhando o balanço do braço, especificamente com os joelhos semiflexionados. Articulando o corpo para um lado depois para o outro.

Essa organização do corpo é justamente o que produz a sensação do *groove* arrastado¹², que considero o passo matriz do Pagode Baiano. Um exemplo disso aparece no famoso bordão do cantor Léo Santana: “O balanço do Pagode Baiano é pro lado, pro outro, pro lado, pro outro”. Esse movimento contínuo e ritmado reflete a identidade corporal dessa dança, revelando como a estrutura do corpo em ação cria o estilo característico do Pagode. E Isso exige um conhecimento de musicalidade e corpo para entender o *swing*.

Fundamento e reflito sobre a existência de coreografias e performances que se constroem a partir de uma imagem sexualizada, sobretudo da mulher. Se faz interessante ressignificar esse estereótipo, observar mais o corpo que é dançado e não o gênero feminino sexualizado (Nascimento, 2012).

Esse ponto não se distancia dos espaços sociais em que os jovens atuam em prol do entretenimento. Essas nuances de comportamentos explícitos estão presentes em grande parte nas festas dos bairros de Salvador e, conseqüentemente, a música retrata o que é vivido e, por sua vez, a dança o reproduz. O que de certa forma cria-se um ciclo social que perpetua esse lado do Pagode Baiano. Assim, os entrevistados apresentaram considerações significativas que envolvem essa temática. Com base nisso, formulei o seguinte questionamento:

“No caso das coreografias de teor sexual, os movimentos seguem a mesma lógica de criação ou existe uma intencionalidade distinta nesse tipo de performance?”

¹¹ O plexo cervical coordena a sensibilidade e os movimentos da cabeça, do pescoço e dos ombros, enquanto o plexo braquial coordena as ações do tórax e de todo o membro superior.

¹² Três links de vídeo como exemplo do *groove* arrastado:

https://youtube.com/shorts/8ZTyuDbYlnw?si=uCena2UbWkrcjE_2

https://youtube.com/shorts/mMn_E5TzSiQ?si=nhSxa5bjZrrb8s1N

<https://youtube.com/shorts/sHjMyEV8Lfc?si=Wlm9XxlzjZ0LsLek>

“A lógica é semelhante, mas é necessário entender o limite entre sexualização e performance” – Entrevistado 1.

“Existe, sim, uma intencionalidade distinta, até porque venho conquistando um público diverso e também atuo em academia. Portanto, em toda coreografia que crio, considero sempre esses contextos e diferentes perspectivas. Não tenho o hábito de coreografar esse tipo de música com frequência, mas, quando acontece, procuro ao máximo minimizar determinados gestuais” – Entrevistado 2.

“Na verdade, não é a coreografia, a gente está falando sobre música, quando existe teor sexual a música te induz a fazer os movimentos, mas normalmente eu não uso músicas com teor sexual muito aguçado, por conta da segurança dos corpos ali presente e como a internet vai receber isso. Como a internet vai receber esses alunos, esses corpos, essas movimentações que têm que tocar em algum lugar e fazer isso. Não é sobre o nosso corpo e o que a gente está fazendo, mas é sobre essa galera em massa que está ali fora esperando só um erro, um tropeço seu e a gente tem que se assegurar e proteger. Eu penso em evitar essas músicas né, que normalmente tocam em paredão, em festas particulares, então ali as pessoas acabam estando seguras, mas quando você fala sobre internet, tudo que a gente faz a gente coloca lá... Então é bem complicado falar porque eu não trabalho com elas, eu sou louco para trabalhar, mas eu fico muito pensativo sobre. E entender que a gente não está se afastando de uma cultura, mas é a gente se proteger” – Entrevistado 3.

Tanto as músicas quanto as danças que se relacionam a um contexto mais sexualizado não deixam de constituir uma ação de resistência. Isso ocorre muito em função do nosso entorno e das vivências que carregamos. E, se essas vivências e esse contexto se expressam por meio de determinadas movimentações e músicas, não podemos simplesmente ignorar sua existência, sua relevância ou sua potência. Elas fazem parte de uma manifestação cultural que reflete modos de estar, sentir e experienciar o mundo. Aproximo da perspectiva de Santos quando fala que:

Entender a dança do pagode baiano enquanto uma ação de empoderamento e resistência, se dá principalmente pela concepção do contexto, dos sujeitos e das vivências inerentes a relação com essa manifestação artístico cultural (Santos, 2021, p. 2718).

Ainda em consonância com o tópico anterior. Sabe-se que há uma ressignificação, a depender do contexto, nas coreografias presentes nas danças erotizadas. Torna-se, portanto, fundamental compreender se existe uma diferenciação entre o Pagode praticado no cotidiano e aquele produzido para fins mercadológicos. Para isso, desenvolvi a seguinte pergunta:

Existe diferença entre o Pagode dançado no dia a dia, em espaços informais, e o Pagode performado nos palcos e nos shows de caráter mais comercial? Como essas diferenças se apresentam?

“Sim. No cotidiano, o corpo é mais livre, mais solto, sem preocupação estética. No palco, a dança ganha estrutura coreográfica e intenção artística, dialogando com público e espetáculo”
– Entrevistado 1.

“Costumo relacionar o pagode dançado em palco a um pagode performático. Muitos dos coreógrafos atuais não utilizam esse nome ao se referirem à dança, mas incorporam vivências de outros estilos, como jazz, funk, hip hop e demais danças urbanas. O resultado é algo mais ‘enxugado’. Já o pagode dançado no dia a dia é diferente: faz o corpo reverberar, muitos movimentos surgem espontaneamente no momento — é algo simplesmente inexplicável” – Entrevistado 2.

“Como exemplo vou dar a bateadeira o groove arrastado, e existe outros passos sociais que é natural do dia a dia, quando a gente vai para palco, tudo muda, por causa do cantor ou da banda que a gente está ali, muda a proposta, quando a gente fala de algo midiático principalmente da pandemia para cá, algo que está muito forte e como você consegue fazer essa dança só assistindo ali o bailarino, vê ali e rapidinho consegue reproduzir. Então o show exige isso, que tenha essa movimentação com mais facilidade que chegue nas pessoas com uma certa rapidez, então quando vai para o palco essa coreografia vai ter as bases, só que como falei, daí em diante ela vai ser agregada com outras coisas, depende muito da proposta” – Entrevistado 3.

Nessa mesma perspectiva, acrescento a fala do Entrevistado 4, que destaca a relevância e positividade da presença de bailarinos na banda:

“Sempre agregaram bastante no crescimento da banda. E na época as músicas eram bem mais dançantes, bem melhores para criar coreografias. A banda ficou bem melhor na época do balé, somava bastante no palco!” – Entrevistado 4.

E acrescenta:

“São públicos variados né. Uns gostam outros não gostam, muitos criticam outros elogiam, mas para a gente tudo que foi de negativo ou positivo sempre foi aprendizado para melhorar mais ainda” – Entrevistado 4.

“A realidade social é diversa, complexa e contraditória” (Chagas, 2016, p. 141). Em grande medida, os artistas que utilizam sua profissão para ser ‘a voz do povo’ são justamente aqueles que mais recebem o apreço do público.

No entanto, tem que se fazer o levantamento de qual público ele vai estar se referindo e como, pois, são inúmeras vivências numa mesma realidade. Mesmo em um espaço de coletividade, uma mesma ação pode assumir múltiplos significados, e cada indivíduo pode reagir de forma distinta.

Se a música cantada aborda violência, preconceito, machismo ou homofobia, é porque, em determinadas parcelas da sociedade, essa realidade social ainda se manifesta. A dança, por sua vez, possui o poder de transmitir significados e comunicar por meio dos movimentos essas questões existentes na sociedade e como podemos ressignificar esse cenário.

No caso do Pagode, o movimento corporal é resultado das modificações das letras e das músicas que foram se desenvolvendo ao longo dos anos (Chagas, 2016). Assim, há bandas que se colocam como representantes de determinados discursos, e a dança expressa essa representação de forma identitária, com uma corporeidade singular que varia segundo o gênero. Os entrevistados também afirmam que:

“O corpo no pagode fala de si e do seu território” – Entrevistado 1.

“O movimento do pagode representa resistência, resiliência, ancestralidade, estilo e sentimento. São diversas eras, múltiplas vertentes, inúmeras vivências — e, acima de tudo, trata-se de um movimento atemporal” – Entrevistado 2.

“O pagode ensina não só em movimento, em música, como você entende essa dança marginalizada, desvalorizada, o quanto grande ela é o quanto grande é nosso, mas as pessoas ainda têm a síndrome do cachorro vira lata, está entendendo, então a mensagem que o pagode traz é, o quanto a gente é rico e a gente não sabe que é rico” – Entrevistado 3.

Traço a escrita nesse momento não para o movimento, mas para quem faz os movimentos. Os dançarinos, que fazem parte do núcleo central dessa pesquisa. É importante ter um olhar sensível para os bailarinos de bandas de Pagode Baiano, coletivos (grupos), eventos, projetos, espetáculos e dentre outros setores que abrangem a classe artística.

Dançarinos profissionais de Pagode abraçam essa identidade pagodeira, sustentam todos os desafios que envolve seguir com essa escolha e agarra essa natureza por amor. Já é bastante complexo seguir a dança como

profissão, são inúmeras as situações que passamos simplesmente por tentar ganhar a vida com a Arte. Agora, reflita como deve ser desafiador se integrar a um gênero musical que também é atravessado por ambiguidade? O artista precisa negociar sua própria identidade artística para se adequar a determinados espaços, afinal, as interpretações associadas ao fato de ser um dançarino de Pagode podem gerar tensões internas e exigir adaptações contínuas.

Claro que essa realidade possui suas faces, e, constantemente, o profissional que dança Pagode sai desse lugar de inferioridade e passa a conquistar o devido reconhecimento. Isso também depende de inúmeros fatores: em qual banda está inserido? Qual cantor acompanha? Qual vertente do pagode está dançando? Qual música está sendo performada e em que contexto ou lugar essa dança se manifesta?

Diante disso, reúno o pensamento particular com as opiniões dos entrevistados sobre o olhar do público para esses indivíduos, artistas da dança:

“Há sim discriminação. Muitas vezes o dançarino de pagode é colocado como “acessório” do artista, sem reconhecimento. São diferentes camadas que ele enfrenta a partir da posição que está ocupando no momento. Seja professor, dançarino, os estigmas colocados são diferentes, mas sempre sofrem de diferentes estereótipos” – Entrevistado 1.

“O pagode baiano, enquanto manifestação cultural, ainda sofre preconceito e discriminação em diferentes contextos sociais. Essa marginalização se reflete também na dança: os dançarinos de pagode acabam sendo vistos de forma estigmatizada, como se carregassem em seus corpos marcas que os diferenciam dos praticantes de outros estilos. O corpo do dançarino de pagode é moldado por um swing particular, por uma expressividade própria e por uma estética que muitas vezes não é reconhecida como legítima em ambientes artísticos mais tradicionais. Dessa forma, quando a performance não está direcionada a um público que valorize essa linguagem, a recepção pode vir acompanhada de preconceito!” – Entrevistado 2.

“Eu acredito que o público está muito dividido, o público hoje em dia está muito voltado para quem você trabalha e que palco você está. Tenho vários exemplos de bailarinos que nunca tomou uma aula de pagode e ganha dinheiro com pagode, viajando, fazendo show com banda grande, teve o contato de pagode na infância, adolescência, na vida, mas nunca foi, a vou procurar um professor de pagode para fazer aula, fazer manutenção desse corpo né, quando fala de pagode. E a discriminação é, acho que não tem nomenclatura o pagode que não é uma dança que possa ter técnica e é totalmente o contrário do que a galera pensa, o pagode tem nomenclatura, o pagode tem base, o pagode tem história, tem enredo, tem sinopse tudo que você imaginar, eu posso fazer uma redação falando sobre o pagode. Então tem sim essa discriminação de achar que é uma dança que eu não preciso fazer uma aula eu nasci aqui então eu já nasci sabendo, então assim é desvalorização de um profissional que

está ali estuando que está ali pesquisando de onde vem, quais referencias, como surgiu, então assim, nada e vazio tudo é muito cheio, e o pagode transborda de conhecimento" – Entrevistado 3.

O entrevistado 1 afirma que o dançarino de pagode muitas vezes é tratado como acessório do cantor, o que impacta a forma como o espetáculo é percebido. Embora o foco principal costume ser o cantor, a dança e o canto possuem uma conexão fundamental na construção do show. A potência dos bailarinos nem sempre é reconhecida pelo público, mesmo sendo essencial para a performance e para a força do artista no palco. Tanto o cantor quanto o dançarino são artistas, pertencem ao mesmo núcleo criativo, ainda que ocupem funções diferentes dentro do espetáculo.

Diante do exposto, podemos observar que a dança do Pagode possui codificações e técnicas precisas que se fazem muito presentes para o dançarino que deseja se profissionalizar na área. Para seguir essa linha, é necessário carregar também essa identidade, porque sua dança, em si, é muito grande, potente e é oriunda do povo e de profundo apelo emocional.

Todo o contexto de atuação na sociedade, as vivências nos espaços urbanos que o Pagode está, no Recôncavo, na favela, na periferia, na comunidade, nos bairros, contribui para a construção dessa identidade. Contudo, é importante destacar que também há estudos por trás desse fazer artístico.

Para dançar o Pagode, se conectar, de alguma forma, com essa raiz é primordial. No entanto, é evidente que essa conexão também pode ser adquirida por meio de referências midiáticas; não é necessário estar fisicamente no local para incorporar elementos dessa identidade. Isso porque identidade, como discutido, é um processo de identificação e pertencimento, independentemente do espaço geográfico que você se insere. Algo ali te tocou e produziu um sentido particular em você.

Ainda assim, é fundamental reconhecer suas raízes e compreender de onde essa expressão cultural emerge. Considerando essas observações, os discursos dos profissionais da dança do Pagode corroboram e reiteram essa análise:

“É a cara de Salvador, expressão da juventude negra periférica e elemento cultural que carrega luta e pertencimento” – Entrevistado 1.

“É muito mais do que música: é uma forma de vida e uma expressão da identidade cultural do nosso povo. Ele carrega a história, a alegria e a força das nossas comunidades, e se manifesta em cada gesto, cada roda, cada encontro. Na dança, isso fica ainda mais evidente. Cada giro, cada movimento, cada passo que dou reflete a vivência, a energia e a tradição que vêm do povo baiano. Dançar pagode não é só executar coreografias; é se conectar com a cultura, com as ruas e com as pessoas, mostrando respeito à tradição e transformando o espaço em um lugar de identidade e pertencimento coletivo” – Entrevistado 2.

“Quando eu falo de pagode baiano eu falo sobre identidade, eu falo sobre resistência, eu falo sobre respeito, eu falo sobre legado, eu falo sobre ancestralidade, eu falo sobre pluralidade, sobre conexão. Pagode ele traz algo específico que é uma dança em massa de pessoas pretas e eu acredito que a expressão ela pode ter uma característica, cada tipo de pagode que está surgindo e se mantém ainda, ele sempre vai estar muito próximo um do outro. Então a identidade a gente reproduz, musical, cultural, movimento, até expressão facial também. Como é identidade cultural de um povo, e o povo é quantidade é aquilombamento, vai ter essa expressão” – Entrevistado 3.

E ainda descrevem como foi o primeiro contato com o Pagode, fortalecendo suas observações, já que hoje exercem as funções de coreógrafos e bailarinos:

“Nas festas de família, sempre ouvíamos o gênero e todos dançavam” – Entrevistado 1.

“Desde muito pequeno, nascido nos anos 2000, cresci em meio à explosão do pagode baiano, com grupos como o É o Tchan e Harmonia do Samba marcando presença na cena musical. Para mim, que sempre transitei pelas ruas da minha comunidade, o pagode sempre esteve presente, ecoando como trilha sonora do cotidiano. Essa vivência desde a infância fez com que a música e a dança do pagode se tornassem parte constitutiva da minha identidade, influenciando meu modo de ver, sentir e me relacionar com o corpo em movimento” - Entrevistado 2.

“Meu primeiro contato foi dentro de casa, usando uma toca fita, essa toca fita tocava é o tchan, gera samba né, para quem não sabe gera samba foi a primeira banda midiática que teve a oportunidade de estar em programas em rádios, depois veio é o tchan, mas mudou o nome. Depois o contato foi na praça, que minha mãe me levava e lá eu fazia um show, dançava, o pessoal me dava lanche, refrigerante e assim era como se eu fizesse um show e ganhando meu salário meu cachê” – Entrevistado 3.

A partir disso, compreendo que o universo do Pagode Baiano em suas dimensões musical, corporal e cultural, pertence e atravessa múltiplas camadas da sociedade, configurando-se como algo especial e fundamental para o povo que vivencia esse estilo em seu cotidiano, de diferentes maneiras. A música

expressa a energia do soteropolitano, sua pulsação e vibração. A cultura reverbera suas raízes por meio da vestimenta, do modo de andar, do modo de falar, do sentimento de pertencimento, resistência e da autonomia. Já a dança carrega uma forte carga expressiva, marcada pelo simbolismo, representatividade, ancestralidade e, principalmente, a alegria.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Concluir esta pesquisa é reconhecer que o Pagode Baiano se constitui como uma potente forma de expressão cultural, atravessada por memórias, afetos, resistências e pertencimentos. É reconhecer que suas canções são o canto da cidade de um povo e sua dança se encontra além da baianidade.

O estudo possibilitou compreender o movimento do Pagode a partir de uma lógica rítmica e expressiva, diretamente vinculada as letras, aos sons e as experiências corporais dos sujeitos envolvidos.

Levando em consideração o espaço sociocultural fundamentado na narrativa histórica do Pagode, desde suas raízes até sua constituição na contemporaneidade, compreende-se como esse gênero vem sendo construído, ressignificado e percebido ao longo do tempo. E sua dança também, pois acompanha o mesmo ritmo e resiste aos desafios históricos, sociais e culturais.

Está escrita se configura como um convite à reflexão, no sentido de que, ainda que não haja apreciação pela dança e pela música do Pagode, isso não deve implicar apagamentos ou silenciamentos dessa manifestação cultural, mas, sobretudo, o reconhecimento e o respeito pelo fazer artístico de seus sujeitos. Ao compreender de forma mais aprofundada neste estudo como se dá esse processo, apresento como um chamado à ampliação de horizontes, para que haja respeito pela música e compreensão pela dança.

É importante expandir as produções de trabalhos que olhem para a dança do Pagode Baiano de forma mais respeitosa, buscando compreender suas movimentações para além de estigmas e julgamentos morais. Ainda existe uma dificuldade em reconhecer positivamente as expressões culturais que surgem nas periferias e comunidades, o que contribui para visões distorcidas e desvalorizadas dessas práticas.

Nesse sentido, torna-se necessário construir novos olhares sobre a dança do Pagode Baiano, valorizando-a sua complexidade estética como uma forma legítima de expressão, identidade e resistência.

8. REFERÊNCIAS

CHAUÍ, Marilena. ***Conformismo e resistência: aspectos da cultura popular no Brasil***. São Paulo: Brasiliense, 1986.

LIMA, Marlini Dorneles de. ***Composição coreográfica na dança: movimento humano, expressividade e técnica, sob um olhar fenomenológico***. 2006. Dissertação (Mestrado em Educação Física) — Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2006.

SAHAGOFF, Ana Paula. ***Pesquisa narrativa: uma metodologia para compreender a experiência humana***. In: SEMANA DE EXTENSÃO, PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO (SEPesq), 11., 2015, Porto Alegre. *Anais...* Porto Alegre: Centro Universitário Ritter dos Reis (UniRitter), 2015.

VIEIRA, Naiara da Cunha. ***Carnaval de Salvador: discutindo a gestão da festa***. Dissertação (Mestrado em Cultura e Sociedade) — Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2014.

CHAGAS, Ledson. ***Corpo, dança e letras: um estudo sobre a cena musical do pagode baiano e suas mediações***. Dissertação (Mestrado em Cultura e Sociedade) — Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2016.

CHAGAS, Ledson. ***Trajetória midiático-massiva do gênero musical pagode baiano***. In: ENCONTRO DE PESQUISADORES EM COMUNICAÇÃO E MÚSICA, 6., 2015, Vitória. *Anais...* Vitória: Universidade Federal do Espírito Santo, 2015.

RODRIGUES, Fernando de Jesus. ***Do samba de roda ao pagode baiano: um percurso de performances erótico-dançantes e de prazeres fraternal e profissional em Salvador***. *Cadernos de Estudos Culturais*, v. 2, n. 24, p. 89-116, 2020.

PASSOS, Saionara Serafim Andrade dos. **Paredões de pagode: festas, sons e sentidos da juventude**. In: SEMINÁRIO NACIONAL DE SOCIOLOGIA, 4., 2022. *Anais...* Aracaju: Universidade Federal de Sergipe, 2022.

NASCIMENTO, Clebemilton. **Pagodes baianos: entrelaçando sons, corpos e letras**. Salvador: EDUFBA, 2012.

SANTOS, Everton Bispo dos. **Os grupos de dança de pagode baiano: uma perspectiva de empoderamento e resistência da população da dança negra periférica soteropolitana**. In: CONGRESSO CIENTÍFICO NACIONAL DE PESQUISADORES EM DANÇA, 6., 2021, Salvador. *Anais...* Salvador: Associação Nacional de Pesquisadores em Dança (ANDA), 2021. p. 2710–2725.

SOUZA, Mariana Bittencourt de. **Mexe o balaio: um olhar sobre o pagode baiano**. *Prelúdios*, Salvador, v. 4, n. 4, p. 123–135, set./mar. 2015.

LOPES, Maycon. **“Fantasmas existem”: a aparição da música de protesto no pagode baiano**. *Revista Habitus*, Rio de Janeiro: IFCS/UFRJ, v. 11, n. 1, 2013.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guaracira Lopes Louro. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

CASTRO, Armando Alexandre. **Axé music: mitos, verdades e world music**. *Per Musi*, Belo Horizonte, n. 22, p. 203–217, 2010.

PEREIRA, Ianá Souza. **Axé-Axé: o megafenômeno baiano**. *Revista África e Africanidades*, ano 2, n. 8, fev. 2010. ISSN 1983-2354.